

São João dá adeus a Tancredo

Emocionados, moradores saem às ruas para esperar o corpo



Na última homenagem ao Presidente, a esperança de dias melhores

NELSON PANTOJA
Enviado Especial

São João Del Rey — Nunca se viu nada igual nesta cidade. Desde o dobrar dos sinos das seis horas, São João, que durante 38 dias acompanhou, silenciosa a enfermidade e a lenta agonia de Tancredo Neves, o recebeu, ontem, com ares de esperança entre os rostos cheios de lágrimas. Resignou-se diante do inevitável, mas não se entregou, disposta — em cada gesto, em cada grito de dor, em cada olhar — a demonstrar ao País que, a partir do último adeus, mais do que nunca é preciso ter coragem para concretizar o que ele mais almejou em 51 anos de vida pública: a democracia. Tudo, diante de toda a família Neves, um conjunto de 187 pessoas que se reuniu para enterrar Tancredo, o mais ilustre entre todos eles.

Eram, exatamente, 9h41min quando o cortejo fúnebre cruzou o portão de ferro do aeroporto Castelo Branco, localizado a três quilômetros do centro da cidade. Cerca de 500 pessoas, humildes trabalhadores da roça, que o esperavam desde o amanhecer enfrentando um frio cortante, viram o seu ataúde e levantaram, de imediato, os braços para o último adeus. Nas mãos, entre lágrimas incontidas, uma faixa em tons verde e amarelo traduziu a esperança: "Nós temos fé na Nova República. Tancredo: nosso Presidente eterno".

A EMOÇÃO DE TODOS

O ataúde, coberto por uma bandeira brasileira, sob o EM-113, carro blindado do Exército, tocou o asfalto da rodovia 283 em direção a São João e continuou, lentamente, seguido pelos veículos que transportavam dona Risoleta e a família Neves. As margens da estrada, aos poucos, rostos anônimos saudavam a passagem do corpo do Presidente. Uns com bandeiras improvisadas, outros com lenços — a maioria com flores silvestres recolhidas das montanhas de Minas Gerais, terra que o viu nascer e que o guardará para sempre.

Depois de 20 metros, tendo à frente quatro batedores da Polícia Rodoviária Estadual, o cortejo encontrou um grupo de motoqueiros que se juntou sem esperar autorização. Os jovens, com os seus característicos casacos de couro, acenderam os faróis para homenagear o velho político que despertou, com o seu estilo cauteloso e equilibrado, o sentimento cívico que por 21 anos esteve esquecido. Neste exato momento, quando passou o último carro oficial da comitiva, o povo que esperava o corpo do Presidente do lado de fora do campo de pouso começou a acompanhar a pé o féretro. Daí em diante, a emoção tomou conta de todos.

Dez minutos depois, no ritmo lento que seguia, o cortejo encontrou dezenas de jovens em bicicletas. Mais uma vez, a marca da esperança na democracia foi registrada: todos carregavam bandeirinhas com os dizeres "Tancredo, a mudança está em nossas mãos".

Na frente do féretro, dois caminhões do Exército levavam os mais de 200 jornalistas destacados para cobrir o pouso do Búfalo 23, prefixo C-115, 23.64, da Força Aérea Brasileira, que transportou o corpo de Tancredo de Belo Horizonte a São João.

TOALHAS NAS JANELAS

Tendo sempre, a cada metro, um número maior de pessoas às margens da

rodovia, o féretro, ao chegar ao bairro Colônia de Marçal, limite urbano do município, foi homenageado por uma bandeira brasileira com tarja preta colocada pelos moradores entre os galhos das mangueiras que formavam uma sombra sobre o chão, onde um desenho de uma cruz com flores do campo traduzia o sentimento de religiosidade que prevalece, há séculos, na cidade natal de Tancredo.

O féretro já se aproximava da Ponte Nova, sobre o Rio das Mortes, após percorrer a avenida 31 de março, acumulando em seu caminho um número cada vez maior de populares. Nas janelas das casas, toalhas de linho, seguindo a tradição da cidade, foram estendidas como mais um gesto de devoção ao corpo daquele que ninguém mais verá falando, em seu estilo mineiro, em defesa da causa democrática.

Ainda na avenida 31 de Março, onde crianças com bandeirinhas gritavam "Adeus, Dr. Tancredo", a multidão que acompanhava, desde o campo de pouso, o féretro, começou a gritar o slogan "um, dois, três, mil, queremos eleger o presidente do Brasil". Ao lado do carro blindado, as motos começaram a tocar suas buzinas e houve quem visse, naquela manifestação, o reinício da campanha pelas diretas já, da qual Tancredo Neves foi um dos arquitetos.

O féretro estava chegando à Ponte Nova e um soldado desavisado da Polícia Militar do Estado, por livre iniciativa, resolveu, contra a vontade de todos, impedir que o povo caminhasse ao lado do féretro, foi o suficiente para levantar protestos. Os jornalistas protestando contra o cerimonial da Presidência, reclamaram através de Glaudeston Eisenshor, aue intercedeu e permitiu que a multidão seguisse livremente o seu caminho. As primeiras imagens de São João já estavam à vista e nela uma população resignada acotovelava-se nas calçadas para olhar, pela última vez, o ataúde do homem em que aprendera a confiar. 2ª TANCREDO NO CORAÇÃO

Eram, exatamente, 9h35min. O féretro já tinha caminhado mais de 15 quilômetros e, agora, ficaria exposto à saudade do povo. Para vê-lo passar, valeu tudo: da arquibancada improvisada ao lado de uma antena de televisão, instalada num dos pontos altos do bairro da Fábrica, às sacadas dos prédios. No asfalto, outra inscrição: "Tancredo sempre em nosso coração". A esta altura, já era grande o número de pessoas acompanhando o cortejo. Não se sabe de onde, se dos olhos cheios de lágrimas da moça que se enrolava numa bandeira brasileira, se da boca da senhora de mãos postas que rezava, ou se do senhor de paletó que escondia entre as mãos as lágrimas que não conseguia evitar, saiu o primeiro grito. A verdade é que, ao cruzar a Fábrica de Tecelagem Sanjoanaense, fundada em 1981, o povo começou a cantar "Cielito lindo". A popular "ai, ai, ai, está chegando a hora..." Ninguém ficou indiferente. Naquele instante, os que já vinham acompanhando a pé o féretro e os que a eles se reuniram, decidiram desabafar. E houve quem desmaiasse de emoção quando cantou a frase "quem parte leva saudade de alguém, que fica morrendo de dor".

Das janelas dos prédios coloniais, começaram a cair pedaços de papéis e a multidão, empolgada, respondeu à saudação com o Hino Nacional. Nos céus, a Esquadilha da Fumaça, em vôos rasantes, formava uma cruz no horizonte